

## RASTROS DA SENZALA NOS MEMES DE INTERNET

### SENZALA TRAILS IN INTERNET MEMES

**Clícia Coelho**

Universidade Federal do Amapá/Universidade Federal de Goiás, Brasil  
cliciacoelho@gmail.com

**Bruno Marcelo S. Costa**

Universidade da Amazônia, Brasil  
bscosta82@hotmail.com

#### **Resumo**

Esta discussão tem por objetivo problematizar a existência/persistência de discursos racistas e preconceituosos sobre a população afro-brasileira, deflagrados por memes de internet materializados em imagens. As imagens que nos interessam são aquelas constituídas por discursos opressivos, mascarados pelo humor; transformadas em memes de internet; imagens que podem fornecer pistas da ocorrência de racismo e preconceitos impregnados numa sociedade que, com frequência, não se reconhece como a produtora/consumidora desse tipo de discurso. A abordagem sobre os memes de internet está fundamentada principalmente nos estudos de Shifman (2014) que os compreendem como ideias complexas compartilhadas socialmente com capacidade para revelar aspectos biopsicossociais da natureza humana. Imagens (memes de internet) compartilhadas via WhatsApp por estudantes do curso de Licenciatura em Artes Visuais da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP) são analisadas no contexto da formação docente a partir de perspectivas da cultura visual com as contribuições teóricas de Mitchell (2015), Martins (2015) e Miranda (2015). A temática das relações étnico-raciais fundamenta-se, principalmente, nos estudos de Gomes (2017) como pautas de interesse educativo que se cruzam com a cultura visual. Nas considerações finais da discussão, apresentamos algumas possibilidades educativas de combate ao racismo e ao preconceito por meio da compreensão crítica das imagens configuradas em memes de internet.

**Palavras-chave:** meme de internet; formação docente; movimento negro; cultura visual.

#### **Abstract**

This discussion aims to problematize the existence / persistence of racist and prejudiced discourses about the Afro-Brazilian population, triggered by internet memes materialized in images. The images that interest us are those made up of oppressive speeches, masked by humor; transformed into internet memes, these images can provide clues to the occurrence of racism and prejudices impregnated in a society that often does not recognize itself as the producer / consumer of this kind of discourse. The approach to internet memes is grounded mainly in the studies of Shifman (2014) that understand them as complex ideas socially shared with capacity to reveal biopsychosocial aspects of human nature. Images shared by WhatsApp by Visual Arts students from the Universidade Federal do Amapá (UNIFAP) are analyzed in the context of teacher training from perspectives of visual culture with the theoretical contributions of Mitchell (2015), Martins (2015) and Miranda (2015). The subject of ethnic-racial relations is based, mainly, in the studies of Gomes (2017) as educational interest that intersect with the Visual Culture. In the final considerations of the discussion we present some educational possibilities to combat racism and prejudice through the critical understanding of the images configured in internet memes.

**Keywords:** meme of internet; teacher training; black movement; visual culture.

## Considerações iniciais

Este texto cria e apresenta dois contextos interpretativos denominados “episódios específicos” com o objetivo de problematizar a existência/persistência de discursos racistas e preconceituosos sobre a população afro-brasileira, deflagrados por memes de internet materializados em imagens. Para isso, contamos com a colaboração de estudantes do quarto semestre do curso de Licenciatura em Artes Visuais da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP), turma 2017, que aceitaram compartilhar conosco, via WhatsApp, imagens memetizadas<sup>1</sup> sobre a temática e seus posicionamentos sobre elas.

Esta discussão ampara-se em duas pesquisas doctorais que abordam imagens de caráter humorístico como foco da investigação. A pesquisa *Meme, cultura visual e formação docente na Amazônia amapaense* está sendo desenvolvida no Programa de Pós-graduação em Arte e Cultura Visual da Universidade Federal de Goiás (PPGACV/UFG) e tem por objetivo analisar como são e o que projetam/propõem as visualidades da Amazônia amapaense enunciadas pelos memes de internet na formação de pedagogos(as) da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP).

A pesquisa *Rastros da senzala nas representações dos negros nos programas humorísticos da televisão brasileira* está sendo realizada no Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura da Universidade da Amazônia (PPGCLC/UNAMA) e tem por objetivo identificar e examinar, através de recortes delimitados, representações sobre afrodescendentes em programas de humor, observando determinantes históricos, sociais, econômicos e culturais e refletindo sobre como tais representações podem ter influenciado nos processos de afirmação da identidade negra do povo brasileiro de ascendência africana.

## Episódio específico 1: “quem fala o que quer ouve o que não quer”



Figura 1: Meme PDV Criativo 1.

Fonte: Site Hypheness. Disponível em: <https://www.hypheness.com.br>. Acesso em: 20/07/2018.

<sup>1</sup> Termos como: *memetizar*, *memetizado* e *memetização* serão utilizados para caracterizar artefatos (imagéticos, sonoros, linguísticos, dentre outros) que se transformam em memes de internet.

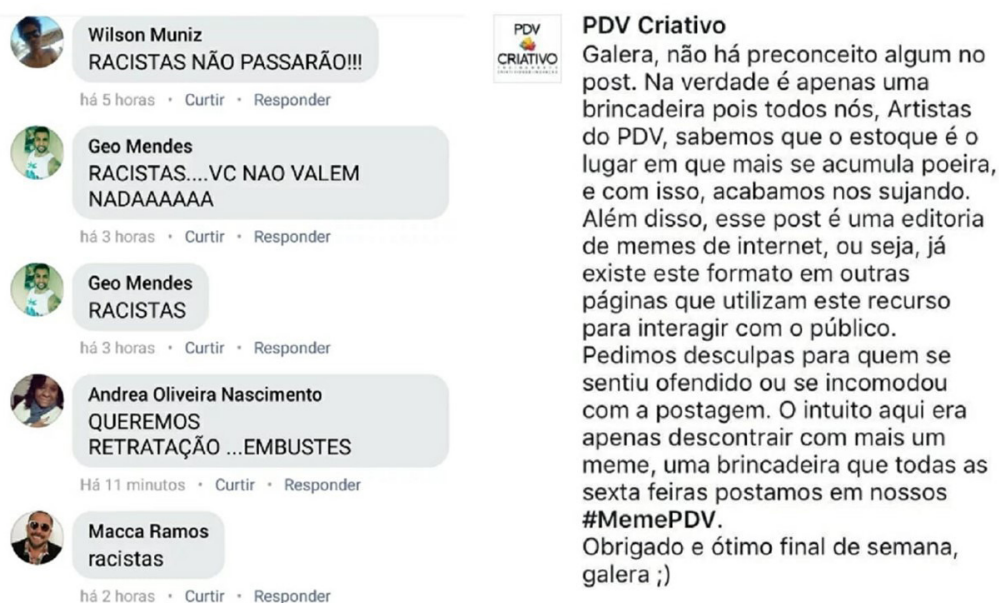


Figura 2: Meme PDV Criativo 2.

Fonte: Site Hypheness. Disponível em: <https://www.hypheness.com.br>. Acesso em: 20/07/2018.

O primeiro episódio é constituído pelas figuras 1 e 2, sugestão da estudante Midian Pantoja da Silva. Trata-se de um recorte da reportagem “Empresa cria meme racista que relaciona negro à sujeira e diz que foi ‘apenas uma brincadeira’”, publicada no site Hypheness<sup>2</sup> em 2017, pelo jornalista João Vieira. A matéria aborda a veiculação de um meme de conteúdo supostamente racista e preconceituoso que caracteriza o fenótipo negro como sendo algo sujo. A grande repercussão do meme provocou o posicionamento dos internautas nas redes sociais da empresa que foi alvo de severas críticas e precisou se retratar.

As imagens desse episódio, ao serem interpretadas, fornecem pistas sobre a emergência do fenômeno meme na contemporaneidade e desencadeiam a necessidade de problematizar visualidades que ajudam a construir as nossas visões de mundo. Vivemos em uma época de conectividade cujo anonimato de um suposto “ato falho” publicado nas mídias digitais é quase impossível, obrigando a mudança de comportamento diante de questões polêmicas antes consideradas “normais”.

No texto “O que as imagens realmente querem?”, W. J. T. Mitchell (2015) discute a existência do fetiche, do animismo, da subjetividade e da personalidade que marcam as interpretações das imagens. O autor elabora seu pensamento tomando como base o seguinte argumento:

Ao afirmar que as imagens têm certas características da personalidade, trago a questão acerca do que é uma pessoa. Qualquer que seja a resposta à pergunta, deverá levar em conta o que é que há nas pessoas que torna possível que as imagens as representem e as imitem. A argumentação poderia iniciar-se pela

<sup>2</sup> Disponível em: <https://www.hypheness.com.br/2017/12/empresa-cria-meme-racista-que-relaciona-negro-a-sujeira-e-diz-que-foi- apenas-uma-brincadeira>. Acesso em: 20/07/2018.

origem da palavra *per-sonare* (soar através), que funda a figura da pessoa nas máscaras usadas na tragédia grega. Em suma, pessoas e personalidades podem ter suas características derivadas de imagens bem como as imagens derivam suas características das pessoas. (MITCHELL, 2015, p. 167).

De acordo com este pensamento, perguntar o que as imagens realmente querem implica em saber o que as pessoas realmente querem ao produzir e consumir as imagens. Nos incita a refletir sobre a nossa responsabilidade em relação a sobrevivência<sup>3</sup> das representações imagéticas que trazem vestígios de práticas culturais de sociedades escravocratas e patriarcais cujos regimes já não se sustentam na contemporaneidade, mas ainda são, com frequência, acionadas na memória social.

Mitchell (2015) nos alerta para a complexidade da delegação de poder às imagens assim como ocorreu nas práticas de idolatria, fetichismo e totemismo das sociedades tradicionais e seus desdobramentos nas sociedades modernas. Do mesmo modo, o autor reitera a suspeição a respeito de críticas iconoclastas que reduzem e/ou elevam a cultura visual a estratégias de manipulação política, pois “esse tipo de crítica procede expondo as imagens como agentes de danos e manipulação ideológica” (MITCHELL, 2015, p. 170). Ironicamente, seria incoerente e ingênuo atribuir um poder tirano à imagem com a pretensão de eximir o produtor/consumidor da “culpa” de possíveis danos causados pela sua propagação e visualização.

Nossos modos de ver, conceber, expressar e atuar no mundo são influenciados por constantes transformações culturais que impactam o cotidiano e exigem uma contínua reinvenção de nossas práticas sociais. Plasmadas por fragmentos de realidades complexas, essas transformações historicamente recalcadas e reificadas constituem as visualidades ao mesmo tempo em que medeiam o modo como lidamos com elas.

Com base nesta argumentação, questionamos se diante de um discurso imagético opressivo, naturalizado por relações de poder históricas, saberíamos reconhecê-lo como tal. Como costumamos reagir ao nos depararmos com imagens aparentemente inofensivas e de riso fácil que carregam em sua representação o peso e os rastros da senzala? Como os memes de internet podem contribuir para o debate das relações étnico-raciais na formação docente a partir de perspectivas da cultura visual?

### **A existência/persistência de discursos racistas em memes de internet**

Em uma breve pesquisa na internet utilizando a palavra-chave “meme racista”, registramos a ocorrência de inúmeras imagens que podem ser consideradas como deflagradoras

<sup>3</sup> A ideia de sobrevivência é fundada na significação dialética da imagem, em “ritmo duplo, feito de sobrevivências e renascimentos” (DIDI-HUBERMAN, 2013, p. 77). Mais que um simples movimento de retorno, refere-se à capacidade de mobilização da memória social.



de discursos racistas e preconceituosos; que tratam a população negra como alvo de deboche e tipificam o fenótipo negro<sup>4</sup> como sendo passível de ações tiranas. A denominação negra, historicamente, tem sido compreendida como pejorativa e passou a ser ressignificada a partir das ações do Movimento Negro (MN) nos anos de 1970. O referido movimento reivindicou um outro sentido e vigor para o termo (PETRUCCELLI, 2013).

Segundo entendimento do MN, no Brasil, o preconceito racial ocorre primeiramente pela aparência física (fenótipo), ou seja, por traços como a cor da pele, formato do nariz, boca e textura do cabelo, estendendo-se para características estéticas, “a tradição, a cultura, a origem dos antepassados, o posicionamento político, a origem socioeconômica ou de classe, entre outros aspectos” (NASCIMENTO; FONSECA, 2013, p. 62).

Falar sobre a emergência do fenômeno meme nos leva para o campo de estudo da memética, que possui o meme como objeto de investigação. É oportuno traçar uma pequena trajetória da formação deste campo de estudo devido à relação que Richard Dawkins, criador do conceito de meme, em 1976, estabeleceu nos estudos sobre a existência do que ele chamou de *fenótipo estendido*,<sup>5</sup> ou seja, uma unidade fundamental de evolução cultural, análoga a ao gene – unidade fundamental de hereditariedade.

Em *O gene egoísta*, publicado em 1976, o autor explica:

Precisamos de um nome para o novo replicador, um substantivo que transmita a ideia de uma unidade de transmissão cultural, ou uma unidade de imitação. “Mimeme” provém de uma raiz grega adequada, mas quero um monossílabo que soe um pouco como “gene”. Espero que meus amigos helenistas me perdoem se eu abreviar mimeme para meme. Se servir como consolo, pode-se, alternativamente, pensar que a palavra está relacionada a “memória”, ou à palavra francesa mème. (DAWKINS, 2007, p. 148, grifos no original)

O esforço em comparar os memes com os genes foi muito criticado por outros estudiosos, como a filósofa inglesa Mary Midgley (2000) e o teólogo biofísico Alister McGrath (2007), porque estreitava e simplificava comportamentos humanos complexos, reduzindo a cultura à biologia. No entanto, os estudos de Richard Dawkins foram percussores para a formação de uma rede de pesquisadores interessados no fenômeno, assim como o filósofo

<sup>4</sup> Tomando como base os resultados obtidos pela Pesquisa das Características Étnico-raciais da População (PCERP), o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) classifica a cor ou raça de acordo com a autoidentificação e a relevante dimensão do fenótipo na caracterização descritiva; assim, define como negras tanto as pessoas pretas como as pardas (PETRUCCELLI, 2013).

<sup>5</sup> Conceito desenvolvido no livro *The extended phenotype*, publicado em 1989, “segundo o qual um organismo pode apresentar características que vão além de seu corpo, transmitidas pelos genes por meio dos códigos de ácido desoxirribonucleico (DNA) [...], ou seja, organismos que nascem com pré-disposições, informações genéticas passíveis de desenvolver características ‘extra corpo’. Assim o gene passa a influenciar o ambiente a partir da maneira como, enquanto organismo, se comporta no ambiente” (COELHO; MARTINS, 2017, p. 949).

Daniel Dennett, a psicóloga Susan Blackmore e a jornalista e comunicóloga Limor Shiffman. Em 1997 foi criado o *Journal of Memetics* que reunia a publicação dos estudos do campo, ficando ativo até o ano de 2005.

Shifman (2014), a partir de uma abordagem culturalista, defende a ideia do fenômeno meme como uma construção cultural, fruto das transformações sociais contemporâneas, cuja importância em termos de problematização reside precisamente na eminência da compreensão dos acontecimentos atuais, na efervescência de fatos memetizados. A autora acredita que eles realmente refletem estruturas sociais e culturais profundas e, por esta razão, é muito importante o desenvolvimento de uma visão crítica diante da avalanche de memes que povoam os meios de informação e comunicação, pois “o conceito de meme não é útil apenas para entender tendências culturais: sintetiza a própria essência da chamada Era da Web 2.0” (SHIFFMAN, 2014, p. 15, em tradução livre),<sup>6</sup> mesmo que o termo tenha sido cunhado antes da era digital.

Memes de internet podem ser compreendidos como informações transmitidas entre pessoas via Web 2.0, que gradualmente se transformam em um fenômeno social compartilhado em nível micro, tomando como referência redes sociais privativas como o WhatsApp, cuja potencialidade de distribuição da informação se restringe a listas pessoais de contatos. Mas o impacto desse fenômeno também acontece em nível macro, tomando como exemplo a *convergência das mídias digitais*<sup>7</sup> com abrangência de transmissão que pode atingir várias plataformas de Tecnologia de Informação e Comunicação (TICs) ao mesmo tempo.

Popularmente, os memes de internet passaram a ser reconhecidos como ideias materializadas em imagens fixas como fotografias, desenhos, *emoticons* (emoção + *icon* = ícone); ou móveis como vídeos, *Gifs* (Formato de Intercâmbio de Gráficos). Mas podem ser, também, músicas ou expressões populares como aquelas utilizada para nomear os episódios 1 e 2, que viralizam na rede.

É comum a relação entre imagem e palavra na representação do meme de internet, que comumente é constituído por letras garrafais usadas como intervenção sobre a imagem. Esses artefatos, “de tanto serem vistos e visualizados nas interfaces das redes sociais da internet, passam a ser parte constituinte de um conjunto imagético no qual palavras e imagens se hibridizam” (COELHO & MARTINS, 2017, p. 957) potencializando discursos visuais.

<sup>6</sup> Originalmente, em inglês: “The meme concept is not only useful for understanding cultural trends: it epitomizes the very essence of the so-called Web 2.0 era”.

<sup>7</sup> Conceito desenvolvido por Jenkins (2009).



## Episódio específico 2: “pimenta nos olhos do outro é refresco”



Figura 3: Presidente da EBC ironiza Taís Araújo e é chamado de racista. Site RD1Oficial. Fonte: arquivo dos autores.

A imagem que compõe o episódio 2 (figura 3), sugestão do estudante Matheus Gonçalves, ganhou visibilidade na mídia brasileira por se tratar de um *print screen* (captura em forma de imagem) da página da rede social de Laerte Rimoli, ex-presidente da Empresa Brasileira de Comunicação (EBC). O site RD1Oficial<sup>8</sup> informou que, no dia 17 de novembro de 2017, Rimoli compartilhou em sua *timeline* um meme mostrando, em segundo plano, a atriz Taís Araújo e seu filho, em contraposição à imagem de uma menina correndo. Em destaque, a seguinte frase: “Quando você percebe que é o filho da Taís Araújo na calçada”, referência descontextualizada a um trecho da palestra proferida pela atriz no evento TEDx São Paulo<sup>9</sup> sobre o tema “como criar crianças doces num país ácido”, publicada no dia 14 de novembro de 2017.

Naquele trecho da fala, a atriz se referia aos medos, dúvidas e incertezas ao criar um filho negro tomando como referência a sua própria e a experiência e de outras mães. A palestrante declara:

Quando ele se tornar adolescente, ele não vai ter a liberdade de ir pra sua escola, pegar uma condução, pegar um ônibus, com seu boné, ou capuz, e seu andar adolescente sem correr o risco de levar uma investida violenta da polícia ao ser confundido com um bandido. *No Brasil, a cor do meu filho é a cor que faz com que as pessoas mudem de calçada e blindem seus carros.* (Taís Araújo, 2017, transcrição, grifos nossos).

<sup>8</sup> Disponível em: <https://rd1.com.br/presidente-da-ebc-ironiza-tais-araujo-e-e-chamado-de-racista>. Acesso em: 05/08/2018.

<sup>9</sup> A íntegra da palestra está disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=H2lo3y98FV4>. Acesso em: 05/08/2018.



É importante pontuar que o meme problematizado neste episódio é um artefato que passou por um processo de pós-produção e edição de imagem, característica muito utilizada na produção de memes. Um exemplo é a utilização do meme gerador *Chubby Bubble Girl* como imagem de primeiro plano sobre a fotografia de Taís Araújo.



Figura 4: Montagem destacando a variedade dos memes *Chubby Bubble Girl*.  
Fonte: arquivo dos autores.

*Chubby Bubble Girl*, destaque na figura 4, é um meme de formato editável com base no programa de edição *Photoshop* no qual se retiram ou se acrescentam camadas imagéticas para compor narrativas humorísticas. É comum encontrar registros desse meme em diversas situações nas quais uma menina de fenótipo branco aparece correndo de algo ou de alguém, com expressão facial de medo (MUSEU DO MEME, 2015).

Da mesma forma que a empresa PDV Criativo, o ex-presidente da EBC, logo que se deu conta da polêmica gerada pelo compartilhamento do meme ofensivo, se retratou publicando a seguinte frase: “Peço desculpas à atriz Taís Araújo e sua família por ter compartilhado um post inadequado em minha *timeline*”. Mesmo assim, muitos internautas continuaram postando mensagens de indignação, rechaço e ódio contra a atitude de Rimoli, que excluiu todas as postagens sobre o assunto da página do Facebook. Entretanto, na época, a Comissão de Ética da Presidência da República pediu esclarecimentos ao então presidente da EBC embasada no Código de Ética do Servidor Público Civil.

Ao posicionar-se sobre a discussão, o estudante de Licenciatura em Artes Visuais, Matheus Gonçalves pontuou o seguinte:

O meme postado por um usuário do Facebook mostra a famosa Taís Araújo e seu filho que foram motivos de chacotas e piadas de mal gosto após a famosa falar sobre o preconceito com os negros. *Muitos casos como estes acontecem todos os dias no Brasil, e muitos deles não recebem a devida atenção. Assim, as pessoas que praticam esses atos passam impunes.* Eu acho horrível que o ser humano possa ser algo tão ruim, digamos assim, *muitos pensamentos nem deveriam mais existir na atualidade*, pensamentos preconceituosos e muitos outros (Grifos nossos).





A indignação na fala de Mateus, principalmente nas frases em negrito, é uma espécie de eco que ressoa no pensamento de outras pessoas que buscam, coletivamente, eliminar ou diminuir as desigualdades étnico-raciais e sociais. Nilma Lino Gomes (2017), ao analisar o contexto no qual vivemos, afirma que estamos passando por significativas mudanças econômicas e políticas no país. Consequentemente, essa condição exige a reorganização das lutas sociais redefinindo suas atuações e pautas de interesse. No caso do Movimento Negro, a autora esclarece que esse

[...] movimento social trouxe as discussões sobre racismo, discriminação racial, desigualdade racial, crítica à democracia racial, gênero, juventude, ações afirmativas, igualdade racial, africanidades, saúde da população negra, educação das relações étnico-raciais, intolerância religiosa contra as religiões afro-brasileiras, violência, questões quilombolas e antirracismo para o cerne das discussões teóricas e epistemológicas das Ciências Humanas, Sociais, Jurídicas e da saúde, indagando, inclusive, as produções das teorias raciais do século XIX disseminadas na teoria e no imaginário social e pedagógico. (ibidem, p. 17).

São muitas as ações historicamente implementadas pelas lutas do MN. A contribuição do movimento para uma educação emancipadora<sup>10</sup> é incontestável e imprescindível, pois quase todos os setores desse movimento social têm se empenhado numa luta por “antigas” e “novas” concepções que definem identidades e subjetividades de sujeitos aprendizes segundo parâmetros classificatórios e arbitrários. Tais concepções têm como matriz uma improvável essência racial como estandarte para desviar a atenção de questões socioculturais, políticas e econômicas muito sérias que assolam várias partes do mundo, principalmente os países mais pobres.

### **Cultura visual e acontecimentos educativos para combater pequenas e grandes tiranias**

Assim como os movimentos sociais envolvidos na luta pela superação dos problemas étnico-raciais, a cultura visual (CV), segundo os princípios teóricos pós-estruturalistas, não vê como normal, natural e/ou essencial a memetização de discursos que deflagram marcas opressoras de discriminação e desigualdade. Os estudos da cultura visual somam esforços para a formação de um pensamento crítico diante da emergência da chamada sociedade em rede,<sup>11</sup> cada vez mais produtora e consumidora de insumos imagéticos.

Raimundo Martins (2015) desenvolve argumentos que conceituam e contextualizam a cultura visual como um campo de investigação e atuação amplo, múltiplo e transdisciplinar, em constante transformação. Essa capacidade de transformação ou reconfiguração tem implicações decorrentes da dinamicidade da vida e das relações intermediáticas contemporâneas na qual

<sup>10</sup> Conceito de emancipação social discutido por Santos (2007).

<sup>11</sup> Conceito desenvolvido por Castells (1999).



imagens, artefatos e visualidades são investigados como elementos que, de várias maneiras, dão sentido e constroem camadas de significados na experiência cotidiana.

O autor afirma ainda que “a cultura visual busca compreender os fenômenos que nas três últimas décadas transformaram as concepções de arte, cultura, imagem, história e educação e operaram a ‘mediação’ de representações, valores e identidades” (MARTINS, 2015, p. 97).

As interpretações que fazemos sobre imagens, artefatos e visualidades podem gerar aprendizagens que contribuem para a formação e compreensão crítica dos nossos modos de ver, sejam elas através de práticas educativas formais, não formais ou informais que transbordem os âmbitos institucionalizados e se repliquem provocando fissuras, mudanças e descontinuidades em projetos hegemônicos. “Na cultura visual, as representações emergem como força mobilizadora, como condição e possibilidade, como expectativa de que eventos visuais, imagens, visualidades e a interação entre eles qualifique as práticas pedagógicas” (ibidem, p. 99).

Falar de acontecimentos educativos não se trata apenas de práticas que ocorrem em escolas, universidades, organizações não governamentais (ONG), etc., cujo planejamento e execução tem dia e hora para acabar. Essa compreensão abrange eventos ordinários e os extraordinários que podem ser suscitados em sala de aula e vasar, em forma de conversa, para os corredores e pátios escolares, para as praças ou bares.

Fernando Miranda (2015) esclarece que as ações educativas que pretendem expandir-se e ganhar proporções dialógicas se desenvolvem na complexidade das coisas da vida que nem sempre conseguimos perceber, mensurar ou expressar quando existe a possibilidade de aprender ou ensinar a partir de determinado acontecimento. Ainda segundo o autor, a inclusão da ideia de

[...] acontecimento na educação, na arte contemporânea e na cultura visual pode ser relevante neste sentido, no entanto, encontramos-nos diante de condições opostas, um tempo fixo e limitado, da mesma forma que assumimos uma especialidade predefinida não pela materialidade da obra, mas pelo devir do evento. As aprendizagens devem ser elaboradas por meio de ações reais, que habilitem os participantes das propostas educativas a construir suas formas de atuação, suas implicações corporais, relações sensíveis e conclusões conceituais de forma aberta e sem preconceitos com novos conhecimentos (ibidem, p. 152).

Miranda chama a atenção para a importância da superação de concepções pedagogizantes que construíram nossas formas fixas e limitadas de educar e sermos educados. Fazendo uma relação direta com a discussão proposta neste texto, é possível depreender que calúnias, preconceitos e difamação detectáveis na “brincadeira” de produzir, consumir e compartilhar memes de internet como discursos racistas e preconceituosos também podem se transformar em eventos através dos quais aprendemos e mudamos nossos posicionamentos e atitudes.

Gomes (2017) nos ajuda entender que as lutas dos movimentos sociais por sociedades livres de opressão são marcadas por muita dor, decepção, derrotas e pequenas vitórias que se



revelam importantes para criar discontinuidades em pequenas e grandes tiranias. Por esta razão, essas discontinuidades devem continuar ativas porque são formas de resistência que educam e podem desenvolver ações de transformação social. A autora ressalta que os

[...] projetos, os currículos e as políticas educacionais têm dificuldade de reconhecer esses e outros saberes produzidos pelos movimentos sociais, pelos setores populares e pelos grupos sociais não hegemônicos. No contexto atual da educação, regulada pelo mercado e pela racionalidade científico-instrumental, esses saberes foram transformados em não existências; ou seja, em ausências. (ibidem, p. 42-43).

A ausência sinalizada e reclamada pela autora se reflete de maneira alarmante nos modos como as pessoas costumam se posicionar em debates, discussões, confrontos e enfrentamentos provocados por pautas de interesse que envolvem relações étnico-raciais. A dificuldade de respeitar o outro e suas diferenças gera inúmeros problemas de ordem política, econômica, educacional, cultural e social. O desrespeito a diferença pode atingir dimensões sociais sérias, pode gerar traumas pessoais e, ainda segundo a autora, até mesmo o extermínio de nações.

As interpretações que fazemos ou deixamos de fazer sobre imagens, artefatos e visualidades têm potencial para construir, desconstruir e reconstruir discursos. Daí, a importância da educação da cultura visual como um espaço de aprendizagem na construção social da visualidade, pois a “visão é tão importante quanto a linguagem na mediação de relações sociais sem ser, no entanto, redutível à linguagem, ao “signo”, ao discurso” (MITCHELL, 2015, p. 186). O acontecimento educativo pode ocorrer a partir de discursos, das visualidades ou da hibridização dos dois fenômenos.

### Considerações finais

O convite feito as/aos estudantes do curso de licenciatura em artes visuais a interagirem e problematizarem memes de internet foi decisivo para o desenvolvimento desta discussão e construção deste texto. A partir de suas sugestões atentas ao contexto contemporâneo foi possível refletir sobre aspectos que medeiam relações de poder visíveis e invisibilizadas nas ações políticas e étnico-raciais referentes à população negra.

A revisão sobre a existência/persistência de rastros da senzala nos memes de internet foi feita a partir de uma proposição que se tornou cada vez mais evidente a medida em que seguíamos as pistas *hyperlinks* das imagens eleitas como portadoras de discursos racistas e preconceituosos. O mapeamento dos contextos específicos explorados no texto foi importante para que pudéssemos perceber e interpretar fragmentos de uma realidade problemática, difícil de mudar, mas sobre a qual podemos construir outras narrativas.

A busca por conhecer, analisar, opinar e sugerir estratégias educativas a partir de acontecimentos emergentes na sociedade favoreceu o debate de questões “superviventes” (DIDI-

HUBERMAN, 2013) que, como fantasmas de um passado marcado pela a escravidão de pessoas negras, continuam presentes no imaginário coletivo e nas práticas sociais, gerando formas ousadas e sorradeiras de produzir, consumir e disseminar imagens.

Retomando as ideias de Shifman (2014), que situa os memes de internet no contexto das lutas do Movimento Negro e em relação dialógica com os princípios da cultura visual, não podemos subestimar a maneira de lidar com eles porque eles são constituídos por conteúdos, ideias e comportamentos de pessoas que os operam e os compartilham. Imagens compartilhadas na internet não são transformadas em memes por acaso. Tais imagens representam um fragmento, uma parte daquilo que as pessoas pensam, e, mesmo que pela falta de uma visão crítica, elas não tenham essa percepção.

Um dos convites que a cultura visual faz à educação é que a reconheçamos como um campo de estudo e importante dispositivo educativo com potencial para desenvolver aprendizagens dentro e fora das instituições de ensino. Parafraseando as palavras de Martins (2015), reforçamos esse convite dizendo que cabe às/aos professoras/es enfrentar o desafio de construir propostas pedagógicas que concebam imagens, artefatos e visualidades como dispositivos educativos, assim como Gomes (2017) nos ajuda a compreender a ação histórica do Movimento Negro.

## Referências

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. Tradução. Roneide V. Majer. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

COELHO, Clícia; MARTINS, Raimundo. Fenômeno meme: dispositivo cultural de afetos, visualidades e identidades. In: PARAGUAI, Luisa A. et al. (Org.). **Anais do XXVI Encontro da ANPAP: Memórias e Invenções**. PUC-Campinas, 2017, p. 945-959. Disponível em: [http://anpap.org.br/anais/2017/PDF/S04/26encontro\\_\\_\\_\\_\\_COELHO\\_Cli%CC%81cia\\_Tatiana\\_A\\_\\_MARTINS\\_Raimundo.pdf](http://anpap.org.br/anais/2017/PDF/S04/26encontro_____COELHO_Cli%CC%81cia_Tatiana_A__MARTINS_Raimundo.pdf). Acesso em: 10/04/2018.

DAWKINS, Richard. **O gene egoísta** [1976]. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

DIDI-HUBERMAN, Georges. **A imagem sobrevivente: história da arte e tempo dos fantasmas segundo Aby Warburg**. Rio de Janeiro: Contraponto, 2013.

GOMES, Nilma L. **O Movimento Negro educador: saberes construídos nas lutas por emancipação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2009.

MARTINS, Raimundo. Deslocamentos perceptíveis e conceituais da cultura visual: implicações para a formação de professores. In: OLIVEIRA, Marilda; HERNÁNDEZ, Fernando. (Orgs.). **A formação do professor e o ensino das artes visuais**. 2ª ed. rev. e ampl. Santa Maria: Ed. da UFSM, 2015, p. 89-102.

MCGRATH, Alister; MCGRATH, Joanna. **O Delírio de Dawkins**. Trad. Sueli Saraiva. São Paulo: Mundo Cristão, 2007.

MIDGLEY, Mary. Why memes? In: ROSE, H.; ROSE, S. Alas. **Poor Darwin**: arguments against evolutionary psychology. New York: Harmony Books, 2000, p. 79-100.

MIRANDA, Fernando. Fora de controle: acontecimentos, aprendizagens na cultura visual e na arte contemporânea. Tradução. Inês Oliveira Rodriguez. In. MARTINS Raimundo; TOURINHO, Irene. (Orgs.). **Educação da cultura visual**: aprender..., pesquisar..., ensinar... Santa Maria: Ed. da UFMS, 2015, p. 147-164.

MUSEU DO MEME. **Chubby Bubble Girl**. Projeto de extensão da Universidade Federal Fluminense, 2015. Disponível em: <http://www.museudememes.com.br/sermons/chubby-bubble-girl>. Acesso em: 06/08/2018.

NASCIMENTO, Alessandra Santos; FONSECA, Dagoberto José. Classificações e identidades: mudanças e continuidades nas definições de cor ou raça. In. PETRUCCELLI, José Luis; SABOIA, Ana Lucia. (Org.). **Características étnico-raciais da população**. Classificações e identidades. Rio de Janeiro: MPOG/Brasil; Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), 2013, p. 51-82. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv63405.pdf>. Acesso em 03/08/2018.

PETRUCCELLI, José Luis. Autoidentificação, identidade étnico-racial e heteroclassificação. In: \_\_\_\_\_ & SABOIA, Ana Lucia. (Org.). **Características étnico-raciais da população**. Classificações e identidades. Rio de Janeiro: MPOG/Brasil; Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), 2013, p. 31-50. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv63405.pdf>. Acesso em 03/08/2018.

SANTOS, Boaventura de Sousa. **Renovar a teoria crítica e reinventar a emancipação social**. São Paulo: Boitempo, 2007.

SHIFMAN, Limor. **Memes in digital culture**. Massachusetts: MIT Press, 2014.

## Minicurrículos

### Clícia Coelho

Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Arte e Cultura Visual da Universidade Federal de Goiás (PPGACV/UFG). Mestra em Artes Visuais pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Docente do Departamento de Educação da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP).

### Bruno Marcelo S. Costa

Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em Comunicação, Linguagens e Cultura (PPGCLC) da Universidade da Amazônia (UNAMA). Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Artes (PPGARTES) da Universidade Federal do Pará (UFPA). Professor das redes estadual e municipal de ensino do Estado do Amapá. Professor substituto da Universidade Federal do Amapá (UNIFAP).

